



RÚSSIA

Morte anunciada

Principal opositor de Putin, Alexei Navalny sai de cena, aos 47 anos, depois de perder a consciência durante caminhada em prisão no Ártico, onde cumpria pena de 19 anos. Biden culpa o Kremlin. Ativista russo de ONG laureada com o Nobel da Paz fala ao **Correio**

» RODRIGO CRAVEIRO

A última publicação na rede social foi feita na quarta-feira. “A colônia Yamal decidiu quebrar o recorde para bacular Vladimir (Putin) e agradecer às autoridades de Moscou. Acabaram de me dar 15 dias em uma cela de punição. Ou seja, esta é a quarta cela de castigo em menos de dois meses”, escreveu Alexei Navalny, por meio de sua assessora. O principal opositor russo morreu na colônia penal IK-3, a 1.900km a nordeste de Moscou, onde cumpria sentença de 19 anos de prisão.

“Em 16 de fevereiro de 2024, no centro penitenciário nº 3, o prisioneiro Navalny A. A. passou mal, após uma caminhada e quase imediatamente perdeu a consciência”, anunciou o serviço penitenciário da região do Ártico. A morte de Navalny, a 19 dias das eleições que devem consolidar o poder de Putin, escandalizou a comunidade internacional. As potências ocidentais e as antigas repúblicas soviéticas culpam diretamente o presidente russo.

A mulher de Navalny, Yulia Navalnaya, participava da Conferência de Segurança de Munique, na Alemanha, quando recebeu a notícia. “Se for verdade, eu quero que Putin, seu séquito e seus amigos no governo saibam que serão responsabilizados pelo que fizeram ao nosso país, à minha família e ao meu marido. E esse dia chegará muito em breve. Quero apelar à comunidade internacional, a todos nesta sala, ao mundo, para nos unirmos e derrotarmos este mal, este regime terrível, que está na Rússia”, discursou. “Putin deve carregar a responsabilidade pessoal.”

Dmitri Peskov, porta-voz do governo Putin, rejeitou as acusações. “Não há nenhuma informação sobre a causa dessa morte e, no entanto, essas declarações se multiplicam. Nós as consideramos totalmente inaceitáveis”, disse. “Em vez de fazer acusações grosseiras, valeria mais dar demonstrações de moderação e aguardar os resultados oficiais da investigação médica”, reagiu o Ministério de Relações Exteriores da Rússia.

O destino trágico de Navalny foi o desfecho de uma vida marcada pela perseguição política. Em agosto de 2020, ele entrou em coma depois de ingerir um chá no aeroporto de Tomsk, na Sibéria. Amostras da bebida continham o

agente nervoso da categoria Novichok. Após o tratamento, ele deixou a Alemanha e retornou para a Rússia. Foi preso assim que desembarcou em Moscou e condenado a três anos e meio de prisão — cumulativamente, cumpria sentenças de três décadas. Na cadeia, fez greve de fome e denunciou o péssimo tratamento. Em 2017, um médico o avisou que ele perderia 80% da visão de um olho depois de um homem jogar um líquido verde em seu rosto.

O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, acusou o Kremlin. “Não sabemos exatamente o que ocorreu, mas não há dúvida de que a morte de Navalny foi consequência de algo que Putin e seus criminosos fizeram. (...) Não se enganem. Putin é responsável pela morte de Navalny. O que aconteceu com Navalny é mais uma prova da brutalidade de Putin”, assegurou. Segundo o democrata, Navalny “enfrentou corajosamente a corrupção, a violência e todas as coisas ruins que o governo Putin estava fazendo”.

O primeiro-ministro do Canadá, Justin Trudeau, foi além. “(A morte de Navalny) É uma tragédia que faz o mundo inteiro lembrar-se de que Putin é um monstro”, declarou à emissora CBC. O chanceler da Alemanha, Olaf Scholz, se disse “profundamente entristecido” e sublinhou que Navalny lutou pela democracia. “Aparentemente, pagou por sua coragem com a vida. Essa terrível notícia mostra (...) o tipo de regime que está no poder em Moscou”, escreveu na rede social X. Alvo de um mandado de prisão por parte do Kremlin, a premiê da Estônia, Kaja Kallas, classificou a morte de Navalny como “uma lembrança sombria do regime desonesto ao qual somos confrontados”.

Legado

Em entrevista ao **Correio**, Yan Rachinsky — um dos fundadores da ONG russa Memorial, ganhadora do Nobel da Paz em 2022 — destacou o legado de Navalny. “O principal, talvez, foi o apelo à atividade política, à solidariedade e à defesa dos próprios direitos. Navalny deixa um exemplo de coragem muito importante”, disse.

Diretora do Centro pelas Liberdades Cívicas, ONG sediada em Kiev laureada com o Nobel da Paz no mesmo ano, Oleksandra Matviichuk afirmou à reportagem

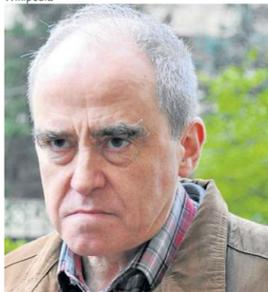
Petras Malukas/AFP



Flores e foto de Navalny diante de monumento às vítimas da repressão, em Vilnius, capital da Lituânia

Duas perguntas para...

Wikipedia



YAN RACHINSKY, fundador e presidente do Conselho da ONG russa Memorial, ganhadora do Nobel da Paz em 2022

O senhor culpa Putin pela morte de Navalny?

A morte de Navalny é um acontecimento trágico. É claro que a responsabilidade recai principalmente sobre as autoridades russas e Vladimir Putin.

que Navalny foi “um exemplo único de político destemido na Rússia, onde a liberdade de pensamento é proibida”. “A sociedade russa, em sua maioria, consiste em conformistas passivos. Em breve, esquecerão este assassinato político”, previu. “A morte de Navalny também é responsabilidade dos cidadãos russos diferentes, bem como de países democráticos que fazem negócios com Putin e fecham os olhos à repressão na Rússia”, criticou.

Professor de história da Universidade de São Paulo (USP), Angelo Segrillo afirmou que, apesar da indignação da comunidade internacional, Putin mantém a situação controlada dentro da Rússia. “O país vive, praticamente, um estado de sítio. As pessoas não podem protestar. Não vejo a possibilidade de a morte de Navalny afetar a campanha para as eleições de 5 de março, ainda que aumente a pressão externa”, comentou.

Como vê toda a perseguição judicial sofrida por ele?

As numerosas acusações falsificadas contra Navalny e as sentenças ilegais não foram uma coincidência. Os intermináveis envios infundados para a cela de punição também não são um acidente. A prisão dos advogados de Navalny também foi uma manifestação do medo das autoridades, do desejo de isolá-lo, de privá-lo de suas últimas conexões com o mundo externo. (RC)

Coragem e carisma

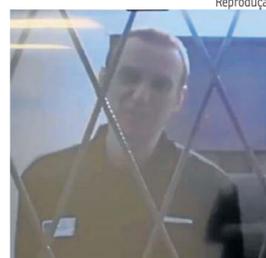
Reprodução



Mensagem em vídeo

Alexei Navalny deixou uma mensagem para o caso de ser vítima de assassinato. A gravação faz parte do filme *Navalny*, vencedor do Oscar de melhor documentário em 2023. “Escutem. Tenho algumas coisas bem óbvias para lhes dizer. Vocês não têm permissão para desistir. Se decidirem me matar, isso significa que somos incrivelmente fortes. Precisamos utilizar esse poder. (...) A única coisa necessária para o triunfo do mal é as boas pessoas nada fazerem. Então, não sejam inativos”, declarou.

Reprodução



A última audiência

O opositor russo teve a última audiência com um juiz de Moscou na quinta-feira, por meio de videoconferência. Navalny aparentava estar bem fisicamente e chegou a demonstrar bom humor “Meritíssimo. Eu enviarei o número de minha conta para que o senhor me envie dinheiro de seu enorme salário de juiz federal. Estou ficando sem dinheiro graças às suas decisões”, brincou, sorrindo. O guarda do tribunal e o magistrado também sorriram. Menos de 24 horas depois, Navalny estava morto.

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Ponte geopolítica no roteiro de Lula

Depois de encerrar sua segunda visita à África no atual mandato, no domingo, o presidente Lula retorna com a agenda externa voltada para a chegada a Brasília do secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken. As posições assimétricas dos interlocutores não implicam, porém, que as pautas sejam totalmente distintas. Alguns dos assuntos abordados na viagem pós-carnaval estarão presentes na reunião com o emissário da Casa Branca.

No Egito, primeira escala, predominou o tema do conflito entre

Israel e o movimento palestino Hamas na Faixa de Gaza. Como esperado, e como antecipado pelo tom da nota mais recente do Itamaraty, o presidente retomou as críticas à ofensiva militar determinada pelo premiê Benjamin Netanyahu, com uma farpa dirigida à ONU. Em discurso no qual questionou a estrutura da governança mundial, Lula se referiu a Israel como “o único país” que teria a “prerrogativa de descumprir decisões” do Conselho de Segurança.

Não apenas a situação de Gaza voltará à mesa com Blinken,

que faz um turnê pela América Latina em busca, entre outros objetivos, de posições mais favoráveis aos aliados israelenses por parte dos governos da região. Quando abordou a importância da ONU, falando na sede da Liga Árabe, o presidente retomou o tema da recomposição do Conselho de Segurança. Condenou o fato de que o direito de veto seja exercido por governos “que fazem a guerra”, e citou como exemplos conflitos iniciados pelos EUA nas últimas décadas — sem deixar de mencionar a Rússia, pela invasão da Ucrânia, que se aproxima de completar dois anos.

Agenda global

O presidente voltará trazendo na bagagem pleitos pela

distribuição de renda, inclusive entre países ricos e em desenvolvimento. O Brasil preside neste ano o G20, e tem a primazia de definir a agenda e o tema das atividades preparatórias para a cúpula de novembro, no Rio. De saída, inclusão e redução de desigualdades ocupam lugar central, a ponto de nortearem a abordagem do combate às mudanças climáticas.

A posição de comando rotatório no G20 teve peso decisivo para que Lula fosse convidado a participar da cúpula da União Africana (UA), hoje e amanhã, na Etiópia, que abriga a sede do organismo em sua capital, Adis Abeba. A UA foi plenamente integrada ao G20 no ano passado, em condição de igualdade com a União Europeia. Também em 2023, Egito e Etiópia se tornaram membros do Brics,

durante reunião de cúpula celebrada na África do Sul — com a presença de Lula.

Vai longe?

A visita do emissário de Joe Biden a Brasília precede em alguns dias o segundo aniversário da ofensiva da Rússia contra a Ucrânia. Embora não veja muita margem para negociação, Blinken deverá reafirmar, em especial perante o governo brasileiro, o apoio incondicional de Washington aos esforços do presidente Volodymyr Zelensky para repelir as tropas de Vladimir Putin.

A guerra entra no terceiro ano com as forças ucranianas em dificuldades para defender posições, por falta de ajuda militar no valor e no ritmo necessários.

Os EUA vêm de aprovar no Senado o pacote que prevê US\$ 60 bilhões para a Ucrânia, mas o projeto terá ainda de passar por difícil tramitação na Câmara dos Representantes. Enquanto Biden e os aliados da Otan esbarram em obstáculos internos, Putin move suas peças no tabuleiro de maneira a consolidar posições, com vistas a uma eventual abertura de negociações.

O conflito completou um ano, em fevereiro de 2023, com o bloco ocidental apostando as fichas em um contra-ataque decisivo de Zelensky. O movimento não emplacou, no verão boreal, e agora, o inverno caminha para o fim com sinais de que é o Kremlin que se move para uma ofensiva. Na mão oposta, mais uma vez se esboça, no horizonte, algum tipo de solução.